

Desejo, dor e pensamento. Pensar transforma-dor?¹

Silvia Brandão Skowronsky²

Resumo: O campo do desejo e os caminhos de figurabilidade e representação psíquica estão construídos na metapsicologia de Freud em 1915. As possíveis figurabilidades, com as formas-de-ação do inconsciente recalcado, os sonhos, atos falhos, sintomas e transferência, são indicadores da representabilidade da pulsão na expressão da dimensão psíquica. Campo do desejo em dialética com o interdito e com o pensamento. Solução da dimensão psíquica para angústia. Um afeto assim como a dor. Barbárie, violência e tragédia são diferentes de drama. A construção conceitual de Freud, a partir de *Além do princípio do prazer*, de 1920, ilustra as ampliações teóricas para se pensar o traumático e a destrutividade. O campo da dor. Freud conceitua o instinto de morte como um componente intrínseco à origem inorgânica, da matéria inanimada, tende para a volta ao estado anterior, inorgânico e ao repouso absoluto. O nada! Não vida. Para Freud, a pulsão de vida e o instinto de morte coexistem desde o nascimento. Ligação, desligação e a intrincação. Caminho dialético entre o desejo e a dor. Desafios para o pensamento. Ser humano, um sujeito do inconsciente.

Palavras-chave: Ato. Instinto de Morte. Intrincação pulsional. Palavra. Princípio do prazer guardião da vida. Psiquismo. Pulsão de vida. Repetição. Representação. Sexualidade.

¹ Trabalho apresentado na Jornada Caminhos da Dor. Mesa: O masoquismo fundante e guardião da vida: os enigmas da dor.

² Psicóloga, Psicanalista, Membro Titular com Função Didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre – SBPdePA.

Desejo, dor e pensamento. Pensar transforma-dor

O pensamento psicanalítico, há um século legado por Freud, uma autêntica trama, tem muitas perspectivas interessantes e inspira valiosos caminhos conceituais para se pensar o desejo e o sofrimento, nos quais se incluem os afetos como a angústia e a dor. O vivido de uma dor é uma dor pessoal e singular. Como canta o poeta³: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. Por que não saberia?

O saber é uma construção constante para pensar sobre o conhecimento de si próprio, das emoções, das alegrias e dores. Também para pensar o saber das teorias, que são modos de entender, como um mapa ou bússola, caminhos e direções, na práxis do psicanalista. Porém, psicanálise não é uma visão de mundo!

Criamos nossos caminhos enquanto nos encontramos criticamente posicionados frente ao risco esterilizante das teorias. Isso envolve a construção de saber pensar com a própria reflexão para indagar, interrogar, sem explicar ou julgar, problemáticas de sofrimento, pois é preciso ouvir o que não pode ser compreendido com uma escuta que não tenta verificar a teoria psicanalítica, menos ainda a psicopatologia.

Na clínica, interrogamos no interjogo entre o saber lógico e articulado da teoria, diante do desafio da singularidade da experiência humana, vivida, com seu especial saber articulado no ilógico inconsciente, aí sim disponível aos encontros singulares nos desafios da clínica, pois o caminho nunca é o mesmo, nem igual.

O conceito de sexualidade⁴, que inventa a psicanálise, e o conceito de instinto de morte são perspectivas fundamentais da construção teórica de Freud. Reunidos, as raízes como o conceito de inconsciente, de psiquismo, de dimensão psíquica, a teoria das pulsões e a noção de representação fundam o modelo da psicanálise. O valor da teoria que Freud constrói com a psicanálise e que dá conta da incerteza e da multiplicidade do campo clínico está na perspectiva da noção de verdade vivencial.

Complexo é o caminho humano, que vai do nascimento à construção do sujeito psíquico, sexuado e capaz de habitar um corpo biológico e civilizado. Um sujeito do inconsciente, perspectiva que implica considerar que o inconsciente se expressa por vários meios, não é silencioso e suas manifestações, as repetições que insistem, precisam ser interrogadas, entendidas na singularidade, interpretadas

³ Caetano Veloso em *Dom de iludir*.

⁴ Freud propõe a existência da sexualidade infantil causando grande escândalo na época, afirma depois que as vicissitudes dos amores e da sexualidade infantil perturbam, na vida adulta, a capacidade de amar e a experiência amorosa, ou ainda, irradiam sintomas neuróticos.

ou construídas, qualquer que seja o registro: sexualidade, narcisismo, traumático, corpo, ato, destrutividade.

Repetimos as experiências vividas, aquilo a favor ou contra. Mas onde se esconde fumaça, segredo, fome, amor, ou ainda desamparo, violência, loucura, despreparo, angústia e o inevitável? O psiquismo é um atributo fundamental do humano.

Interessante compreender o psiquismo construído a partir da condição humana de indiferenciado despreparo, um desamparo originário. Perspectiva de origem para estruturação de recursos psíquicos, de saúde ou de sofrimento. Campo em que se desenha a articulação entre atividade e passividade, entre interno e externo, entre autonomia e dependência, entre recursos e prejuízos. Caminho que constrói uma história pulsional e identificatória. Experiência humana vivencial singular. Impossível generalizar.

Freud considerava que o sofrimento e o poder dos sintomas nascem na experiência humana de crescimento, do peso da verdade histórico-vivencial, pois tudo depende de como se elabora o viver que surge no caminho. Eis a importância da aparelhagem psíquica. Registro vivencial, articulado entre duas dimensões, contém a natureza, o biológico, o endógeno, o inato herdado e também o exógeno adquirido via semelhante e cultura. Filogênese e ontogênese. Arquivo dos efeitos experienciados nos acontecimentos históricos, biográficos, traumáticos, aleatórios e vivenciais. Abrigo da sexualidade infantil, na memória do inconsciente recalcado, definido atemporal, condição da memória e do esquecimento, no ego, solução da dimensão psíquica para angústia. Um afeto assim como a dor.

As possíveis figurabilidades com as formas-de-ação do inconsciente recalcado, os sonhos, atos falhos, sintomas e transferência são indicadores da representabilidade da pulsão na expressão da dimensão psíquica. O inconsciente recalcado carrega a marca da origem, portanto, do infantil. Envolve as tensões com a sexualidade infantil, que atravessam o campo do narcisismo e do complexo de Édipo, que implicam em conflitos intrapsíquicos, ordem da pulsão sexual, pulsão de vida, Eros, desalojados de consciência por efeito do recalçamento, um destino da pulsão. Astuto trabalho psíquico. Campo do desejo.

Com a linguagem e o simbólico, existe a chance de equilíbrio entre o limite do representável, daquilo experimentado, demanda da exigência de trabalho da pulsão, também frente ao excesso, pensável ou não, o irrepresentável ou o desligado. Assim, os excessos de intensidades que ingressam no psiquismo, as exigências endógenas, pulsão ou as demandas exógenas requerem um elaborado trabalho de ligação, que resulta na mediação do trabalho psíquico.

A noção de psiquismo como um sistema de representações, as vicissitudes da pulsão sexual, a sexualidade infantil e o amor estão reunidos conceitualmente pela psicanálise e também entrelaçados desde a origem da humana experiência, pois contêm a cicatriz da plenitude e do desamparo. Partilham o berço no narcisismo e Édipo no inconsciente. Nesta dimensão, contêm memórias do lugar de completude, da lógica binária da dupla mãe e filho – tempos do narcisismo – e da lógica triangular edípica: pai, mãe e filho, com as memórias do lugar de inclusão e de exclusão infantil.

A humana experiência com o crescimento, essa construção do si mesmo e das capacidades psíquicas que resultam em um sujeito original, é composta de potencialidades, limites e recursos. Resulta da convergência complexa de polos indissociáveis: o corpo, o semelhante, a cultura, o psiquismo, a dimensão psíquica e a representabilidade da pulsão.

Freud propõe um radical descentramento: sair do corpo, da biologia, em direção ao psíquico, apoiado na especial dialética entre o psiquismo e a pulsão, com a origem das representações. É um modelo de psiquismo que é construído em articulações progressivas, gerador de capacidades e de limites humanos. A aparelhagem psíquica humana não está desenvolvida desde o começo; a origem e as posteriores capacidades nascem de uma complexização apoiada em articulações entre o endógeno e o exógeno, na intermediação parental, que marca o lugar do outro, um semelhante, portador da ação específica de sobrevivência.

O ser humano nasce despreparado, o humano limite biológico, desamparo que demanda cuidado e dependência, e o limite psíquico, com a indiferenciação, são limites que delimitam e demandam o lugar do semelhante. O outro é fundamental para a sobrevivência e para humanizar. É o paradoxo do lugar do semelhante! Organiza tanto a fortaleza quanto contradições e fragilidades. Tem poder estruturante/construtor e destrutivo/alienante, pois a sujeição, o despreparo e o desamparo estão em jogo. Em resumo: é fundamental a construção e a evolução do aparelho psíquico capaz de trabalhar assim como o trabalho do sonho, do luto e o trabalho de elaboração psíquica.

Freud, desde o *Projeto* (1895/1993a), propõe a noção de aparelho psíquico como um lugar de abrigo para a experiência humana, com aquelas complexidades e capacidades psíquicas nascentes, em intrincadas articulações histórico-vivenciais, na relação entre a natureza, o corpo biológico, as pulsões, a representação, a sexualidade, a angústia, a destrutividade, o ego, o semelhante, a cultura, o traumático e a dimensão psíquica, ainda com o pensamento, a linguagem e o simbólico. A capacidade de simbolização é uma categoria psíquica apta para construir uma ponte entre o corpo biológico e o psiquismo, na direção

de figurabilidade, de significação ou significados. Mediante a construção de representação, alcança explicitar a pulsão sexual, Eros, pulsão de vida.

A qualidade do sentir e de figurar para pensar, é uma articulação indispensável da atividade de simbolizar. Como pensar conceitualmente essas relações?

Freud designa a pulsão como demanda de trabalho que o corpo biológico impõe ao psiquismo. O conceito de pulsão significa uma zona intermediária entre o somático e o psíquico. Um conceito limite. Equilíbrio de naturezas distintas, na construção de caminhos.

Da natureza do instinto, a pulsão detém a exigência! Manancial ou maldição. Um paradoxo! Emanam contradições entre autonomia e sujeições, entre satisfação e desejo ou veto de proibição, entre prazer e desprazer, entre vida ou morte, entre amor e violência, entre o construtivo e o destrutivo. Questão da intrincação pulsional e seus destinos.

Da natureza psíquica, o viver humano adquire e detém o conhecimento da diferença, da distinção entre ação e pensamento, entre ato e ideia, o valor da linguagem e da simbolização. O especial saber pensar! E amar! Também a noção de alteridade. O adquirido! A capacidade de trabalho psíquico.

A teoria das pulsões é o modelo conceitual que ilustra a energia que circula no aparelho psíquico. Instaura o campo e o registro da representação e do conflito intrapsíquico. Genericamente, o conflito nasce da sexualidade infantil. Problemática entre satisfação e proibição. Campo do desejo. Em 1905, nos *Três ensaios para uma teoria sexual*, Freud propõe a especificidade da sexualidade humana e teoriza a pulsão. Nesse modelo, a sexualidade se distingue da necessidade biológica, assim como a fome do amor. A concepção da sexualidade supõe a experiência de prazer e mobilidade para atingir à satisfação. Define que a sexualidade infantil nasce do corpo que cumpriu uma função biológica. As zonas erógenas do corpo atuam independentes umas das outras na busca de prazer, no próprio corpo. O polímorfo. Um exemplo: o autoerotismo tem início simultâneo ao nascimento, ligado às funções vitais, e faz nascer o prazer de sugar na zona erógena. É o prazer que independe da fome. É a dimensão psíquica. O psiquismo trabalha com essas representações que têm mobilidade para encontrar alternativas de satisfação para a pulsão sexual. Por exemplo: o prazer de chupar o dedo não significa fome, mas nasceu da fome. Mesma origem do beijo na dimensão sexual. A sexualidade passa por um processo de desenvolvimento antes de alcançar a vida sexual do adulto. Evolução psicosssexual da libido que atravessa o campo do narcisismo e o campo do complexo de Édipo.

A dimensão da realidade psíquica não é só intrapsíquica pulsional e do ego, mas também interpsíquica e intersubjetiva, pois supõe o encontro da pulsão com

o semelhante, um outro, além do encontro com o próprio corpo. O ego precisa advir para representar a exigência que a natureza da pulsão detém e encontrar caminhos de figurabilidade, qualificando o sentir. Dimensão do pensamento.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/1993d) diz:

É um suposto necessário que uma unidade comparável ao Ego não esteja presente no indivíduo desde o início; o Ego precisa ser desenvolvido. Entretanto, as pulsões autoeróticas são iniciais, primordiais, estão presentes desde o início; portanto algo tem que agregar-se ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua. (p. 74)

A pulsão sexual surge intrincada com a raiz da vida; embora ontogenética, é solidária a determinações biológicas, mas tem mobilidade de satisfação com a gestão de um ego.

O conceito de prazer e de sofrimento depende da construção psíquica: dos destinos das pulsões, que detém a exigência, e dos recursos e engenhosidade do ego, que tem dupla cidadania, nasce do manancial pulsional, do corpo, “o ego é antes de tudo corporal”, diz Freud em *O Ego e o Id* (1923/1993g, p. 27), e ainda da função do semelhante⁵ e da cultura, via identificação primária.

André Green (2005), nessa perspectiva, ensina: “proponho a hipótese de que a pulsão formaria a matriz originária, fonte e fundamento da subjetividade” (p. 241) e também diz que “a atividade pulsional é a base do psiquismo, como um cimento, e o ego como instância de individualidade é o portador da pulsão” (p. 242).

O modelo estrutural da segunda tópica reúne, no ego, o inconsciente recalcado da pulsão sexual ou Eros, que detém a exigência e o manancial da pulsão, qualidades que insistem em atualização e repetição do retorno do inconsciente recalcado, um destino pulsional, resultado de recursos e evidência de mediação do trabalho psíquico. Pensamento, linguagem e palavra. Bem como as marcas da radicalidade do instinto de morte, um desligado, um agir, em cicatrizes no ego, como a cisão, o desinvestimento, e a destrutividade, com as descargas em ato, como as soluções somáticas, as adições, etc.

Atenção: para Freud, instinto de morte não significa ódio, e sim a destrutividade. Risco de vida.

⁵ No pensamento de Freud, o lugar do semelhante na estruturação do psiquismo está assinalado em dupla função: como portador da ação específica para sobrevivência, função indispensável para a experiência de satisfação, vinculada às primeiras inscrições psíquicas, marcas mnêmicas (cap. VII, *Interpretação dos sonhos*, 1900/1993b). Raiz do desejo. E o lugar do semelhante, como mediador exógeno, enquanto representante da cultura, via identificatória do Ego. “A identificação primária é forma mais primitiva, remota, e original de laço afetivo e emocional com outra pessoa, precede a escolha de objeto e se distingue dela” (1921/1993f, p. 99), ensina Freud em *Psicologia de grupo e a análise do ego*.

A memória ainda é um desagravo frente ao inevitável! Qualquer humano não retorna à origem apenas por meio da memória, pois de onde viemos não existe mais!

A violência não escreve história, apenas destrói. Impossível voltar! Um mal de arquivo⁶!

Afinal, que lição a psicanálise de Freud ensinou?

Pensavam os gregos, nossos padrinhos, que a civilização começou com o domínio do fogo. O fogo civilizador é uma posse que requer domínio. A noção de domínio faz uma importante diferença para dominar a barbárie, para alcançar o nível de humanidade e para estar saudável ou em sofrimento. Freud, com a invenção da psicanálise, propõe que a civilização começou nos caminhos da experiência com a natureza, com a sexualidade, com o destrutivo e com a cultura nos domínios do interdito e da dimensão psíquica.

Assim caminha a humanidade civilizando(se).

Construir o registro psíquico representa o desafio da natureza psíquica em submeter a natureza do biológico à sexualidade e ao amor. Dimensão psíquica fundante e fundamental! Caminhos de Eros, libido. Campo do desejo. Do corpo ao pensamento.

A sexualidade nos distingue dos demais habitantes do planeta, é uma marca humana, não responde a uma ordem natural inata, envolve a construção de complexidades adquiridas. Freud define que a sexualidade infantil⁷ nasce do corpo que cumpriu uma função biológica, alimentação, excreção, etc. O amor e amar (se) nascem dessa marca! Mas e a destrutividade?

Barbárie, violência e tragédia são diferentes de drama. A destrutividade também é uma marca da origem, porém é distinta da biologia, que é um autoconservativo instintivo que demanda ação específica de satisfação para a sobrevivência, mas é origem dos caminhos da sexualidade e da representação psíquica. O desafio humano é construir caminhos de domínio da destrutividade, mediante a intrincação da sexualidade e com um ego que nasce, indiferenciado e autoerótico, como um eu-prazer e um não eu desprazer.

Para Freud, a pulsão de vida e o instinto de morte coexistem desde o nascimento. Ligação e desligação e a intrincação. Freud conceitua o instinto de morte como um componente intrínseco à origem inorgânica, da matéria inanimada. Instinto

⁶ Expressão de Jacques Derrida em seu livro *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana* (1995), no qual estuda o texto de Freud *Além do princípio do prazer*, de 1920.

⁷ Experiência que inaugura a inscrição de representações psíquicas, campo da pulsão sexual, como oralidade e analidade, que serão subjugadas por imposição da cultura, como o desmame e o controle esfinteriano. Hábitos adquiridos trabalhando entre naturezas. Filogênese e ontogênese.

de morte está na origem, força primária radical, essencialmente disruptora, é a aspiração de voltar a não vida, isto é, antitensão.

A tendência ao destrutivo do instinto de morte é um dado irreduzível, pois tende para volta ao estado anterior, inorgânico, e ao repouso absoluto. O nada! Não vida. O instinto de morte é postulado a partir da observação da compulsão à repetição e do destrutivo, colocando em xeque o princípio do prazer como regulador do psiquismo. A compulsão à repetição está além do princípio do prazer, portanto assinala o instinto de morte enquanto restauração do estado anterior à vida. Assim, é antivital e destrutividade.

Em *Além do princípio do prazer* (1920/1993e), final da Primeira Guerra Mundial, observando os efeitos traumáticos, a angústia, as perdas, o luto, que exigiam trabalho psíquico, Freud considera o destrutivo. Introduce um novo dualismo pulsional. A natureza do conflito é entre a dimensão da pulsão de vida, a ligação e a dimensão do instinto de morte, a desligação. O destrutivo cumpre para a pulsão de morte uma correspondência do que a função sexual cumpre para a pulsão de vida. A pulsão de vida, ou Eros, abrange a pulsão sexual e o autoconservativo, tende a construir unidades cada vez maiores e organizadas regidas por um princípio de ligação.

Freud distingue princípio de prazer, cuja redução de tensão implica em satisfação, ou homeostase, do princípio de nirvana, que implica em ausência de tensão, redução à zero. O princípio de nirvana estaria a serviço do instinto de morte. O princípio do prazer representa a exigência da libido, Eros. A sexualidade, enquanto marca humana, chamada de libido, Eros, significa agora um princípio de coesão, de instituir unidades maiores e também de conservar, é a ligação. Dimensão psíquica, domínio da pulsão de vida.

O modelo de funcionamento psíquico com o trabalho psíquico, no destino da pulsão sexual com o recalque, que desaloja de consciência, como solução ao conflito entre transgressão e proibição, é distinto do desafio da destrutividade e os efeitos e sofrimentos, onde o risco está expresso em atos.

Na clínica, a insistência da compulsão à repetição, a reação terapêutica negativa, enquanto resistência grave à transformação, são fenômenos que indicam a presença do destrutivo ou de violência, derivados do instinto de morte. A pulsão de vida, Eros, se manifesta como investimento, como representação e como pensamento e linguagem, caminhos da figurabilidade e do simbólico. O instinto de morte é mudo.

A problemática que desafia é a desligação, um mudo, que dissolve, desliga e assim destrói as conexões; é a atividade principal do instinto de morte. Campo da destrutividade. Dimensão desligada é domínio do instinto de morte.

Em *Além do princípio do prazer* (1920/1993e), com a introdução da noção do instinto de morte, Freud refere que deveria existir também um masoquismo primário, explicado como fusão ou defusão das duas classes de pulsão, conceito da intrincação pulsional, estudado no *Ego e o Id* (1923/1993g). Em *O problema econômico do masoquismo* (1924/1993h), Freud modifica o conceito de masoquismo, que expôs desde os *Três ensaios para uma teoria sexual* (1905/1993c), como secundário ao sadismo, agora postula como primário no sentido de originário. O masoquismo primário, ou originário, presente desde a origem, significando ainda o estado do instinto de morte dirigido para o próprio indivíduo. Diz Freud sobre a libido e a intrincação: “liga importante para a vida, entre Eros e o instinto de morte” (1924/1993h, p. 170). Cito Freud sobre o masoquismo erógeno:

. . . a pulsão de morte atuante no interior do organismo, o sadismo primordial, é um idêntico ao masoquismo. Depois que sua parte principal foi transportada para fora, sobre os objetos, no interior permanece como seu resíduo, o genuíno masoquismo erógeno, que em parte se tornou um componente da libido, mas também segue tendo a si próprio como objeto. Assim esse masoquismo é testemunha e uma relíquia daquela fase de formação em que aconteceu a liga, entre Eros e instinto (pulsão) de morte, tão importante para a vida. O masoquismo erógeno acompanha a libido em todas as suas fases de desenvolvimento, e toma emprestado seus revestimentos psíquicos evolutivos (1924/1993h, p. 170).

O masoquismo secundário se define como uma volta para a própria pessoa, um retorno do sadismo que se junta ao masoquismo primário. Cito Freud:

Se a dor e o desprazer podem deixar de ser advertências para ser as metas, o princípio do prazer fica paralisado, e o guardião de nossa vida narcotizado . . . desse modo o masoquismo nos parece um grande perigo . . . me senti inclinado a dar ao princípio do prazer o nome de guardião da vida, e não só de nossa vida psíquica. . . Agora a tarefa que se impõe é indagar a relação do princípio do prazer com duas variedades de pulsões: as pulsões de morte e as pulsões eróticas (libidinosas), de vida. . . O princípio de nirvana é súdito do instinto de morte. Modifica-se depois em princípio do prazer, mas não é um só princípio, são dois. Essa modificação é poderosa. Pois só chega a ser pulsão de vida se conquistou lugar junto ao instinto de morte, na regulação dos processos vitais. Aí o princípio de nirvana expressa a tendência do instinto de morte, e o princípio do prazer representa a exigência da libido. (1924/1993h, p. 165)

Afirma Freud: “o masoquismo moral é testemunha clássica da existência da mescla de pulsões, tem estreito vínculo e descende do instinto de morte”

(1924/1993h, p. 176). No *Problema econômico do masoquismo*, de 1924, ele diz: “a tarefa da libido é tornar inócua a pulsão de destruição, um domínio, via intrincação, desviando com o sadismo” (1924/1993h, p. 169). E ele encerra dizendo: “a conclusão destas elucidações é que não se pode recusar ao princípio de prazer o título de guardião da vida” (p. 167).

O nascer humano requer complexização para criar vida, intrincação com Eros, aí sim fundação, pois dimensão psíquica. Fundante é o encontro do masoquismo originário (primário) com Eros, o adquirido na experiência da pulsão sexual com a satisfação. Freud denomina de masoquismo erógeno, pois está intrincado pela libido. Masoquismo é a condição inevitável da origem de despreparo e desamparo humano, no qual vida, no nascimento, deve advir em pulsão de vida. Fundante é a intrincação pulsional e o domínio da dimensão psíquica, um adquirido transformador.

Dominar o status da dimensão psíquica significa um desafio humano. A sexualidade ou as pulsões não são inteiramente domáveis. Ou de difícil domínio. Daí que o homem não é o centro nem mesmo do próprio psiquismo, esse lugar é do inconsciente. A atemporalidade do inconsciente desordena e embaralha, pois condensa passado e presente. Ignora essa contradição e afirma a simultaneidade, um paradoxo que a lógica exclui. Põe o tempo de cabeça para baixo, desorganiza a cronologia, atributo que abre o tempo de agora para a insistência e repetição na transferência, afinal apenas um transporte.

O modelo do transferível e a noção de transferência, enquanto repetição, são um campo de atualização do atemporal inconsciente. A força que a transferência atualiza é indissociável da repetição do inconsciente, que produz repetições de natureza distintas, de dimensões típicas. Perspectiva que reúne articulações entre o método e a raiz conceitual, do conceito de inconsciente, de sexualidade, de narcisismo, de Ego, a teoria das pulsões e seus destinos, incluindo a pulsão de morte e o destrutivo.

Nesse contexto, o valor da noção de repetição adquire complexidades importantes como a demanda de identificar qual inconsciente se expressa na repetição.

Recalque com a representação ou ato. A repetição dá oportunidade de alcançar o infantil, o desejo, o sofrimento ou a dor. Abre a narrativa do ato ou do silêncio para o relato. Compõe um grande recurso de atualização do desamparo e do sofrimento psíquico, agora na perspectiva de mudança e de possível transformação daquelas soluções anacrônicas que interferem na complexidade do funcionamento psíquico.

Com a linguagem e o simbólico, existe a chance de equilíbrio entre o limite do representável⁸, daquilo experimentado, demanda da exigência de trabalho da pulsão, também frente ao excesso, pensável ou não, o irrepresentável. Assim, os excessos de intensidades que ingressam no psiquismo, as exigências endógenas, as pulsões ou as demandas exógenas⁹ requerem um elaborado trabalho de ligação que resulta na mediação do trabalho psíquico¹⁰. A capacidade de simbolização é uma categoria psíquica apta para construir uma ponte entre o corpo biológico e o psiquismo, na direção de figurabilidade, de significação ou significados. Mediante a construção de representação, alcança explicitar a pulsão sexual, Eros, pulsão de vida. Possibilidade de intrincação pulsional com a pulsão de morte.

Porém, um inconsciente apenas primitivo, registro de experiências primárias e precoces, nas vicissitudes do crescer, contém despreparo psíquico e do ego diante da demanda de trabalho que o corpo impõe, com o manancial e a exigência da pulsão. Sofre inúmeros desafios que desencadeiam desamparos e contraditórias soluções. Sem desejo, sem registro ou violência, ou com o desligado do destrutivo, é problemática de outra ordem. De que inconsciente então se trata?

Um inconsciente primitivo! Abrigo das cicatrizes do ego incipiente com vicissitudes inquietantes, distintas daquelas da ordem do prazer e da proibição do inconsciente recalcado, diferente do campo do desejo. O conceito de representação abre a perspectiva do simbólico, registro da qualidade, mas não imuniza para conflitos intrapsíquicos, menos ainda dos efeitos de falhas ou faltas estruturais, acidentes no percurso da construção do psiquismo e do ego. As cicatrizes da radicalidade.

Freud apontou a possibilidade de transformação do desamparo humano em pensamento e história. O modelo da intrincação pulsional recoloca importantes questões na gênese dos recursos psíquicos. Diferença entre recalçamento enquanto destino da pulsão sexual, Eros, produz o inconsciente recalcado, supõe intrincação, distinto da compulsão à repetição, uma radicalidade, um desintrincado que produz ato. O risco destrutivo. Observa Freud: “Por sorte, as

⁸ Os caminhos da experiência de qualidade psíquica, com a representação, fundam a noção do intrapsíquico. Todos esses movimentos integram as origens de um sujeito psíquico, em suas complexas vicissitudes, para realizar a articulação de um núcleo de si mesmo. Esse núcleo singular é uma espécie de âncora e ninho dos encontros entre a pulsão e o corpo biológico, atributo fundamental da dimensão psíquica.

⁹ Em 1920, Freud incluiu as intensidades do exógeno, o modelo do traumático, o acidental, que demanda mediação psíquica. Afirma a angústia como indicador de excesso, apontando falha no/do trabalho psíquico do Ego. Repetir para elaborar torna psíquico, ou repetir um desligado nunca ligado, é distinto.

¹⁰ Talvez porque, da natureza, a pulsão detém a exigência! Lembro que no Projeto, em 1895, Freud afirma a ideia de que as intensidades precisam encontrar a complexidade da qualidade. Exigência da pulsão significa intensidades sem qualidade!

pulsões destrutivas nunca estão sós, e sim ligadas à pulsão erótica, que tem muito que mitigar e prevenir, diante das condições da cultura criada pelo homem” (1933/1993i, p. 103).

Entre o manancial biológico e a maldição do destrutivo ou do traumático está a indispensável intrincação pulsional, o valor do psiquismo e do lugar do semelhante. A sexualidade humana é a desconsideração do primado genital, pois enquanto dimensão psíquica tem mobilidade de satisfação, mas não detém exclusividade na raiz do sofrimento. Encontros transformadores armam valiosos caminhos. Já os desencontros armam inquietantes destinos, desafiam, pois implicam riscos, sofrimento ou prejuízos.

O ponto de equilíbrio diante do excesso ou irrepresentabilidade são os alcances e os limites psíquicos em representar! O desafio reside quando existe falha na capacidade psíquica ou uma alteração estrutural na constituição do psiquismo e do ego. A evolução da civilização implica uma luta, desde a natureza, o corpo biológico, entre Eros, pulsão de vida (representável) com o instinto de morte, um mudo, carente de representação, (irrepresentável), repetição e insistência de um desligado, a exigência da pulsão. O mais problemático, questão difícil de dominar, são as perturbações provocadas pela carência de representação. Sem mediação do trabalho psíquico, por falta de inscrição, um não simbolizado, significa ausência de linguagem. Obscuros caminhos do desligado e campo do irrepresentável, intensidades sem qualidade. Compulsão que insiste na repetição, via descarga direta, ou que se expressa em atos autodestrutivos ou por atos de efeitos destrutivos.

Configura-se a dimensão de caminhos com sofrimentos (patologias) que apontam a direção de falhas ou faltas estruturais na constituição do aparelho psíquico e do ego. Campo do instinto de morte, quando desintrincada de pulsão de vida, chamamos de compulsão à repetição, exigência sem mediação. Campo da não neurose, que é distinto da repetição típica dos conflitos intrapsíquicos, do recalado destino da pulsão sexual ou Eros. São articulações ou soluções (patologias) que utilizam mecanismos como a cisão, o desinvestimento, as descargas em ato, ou ainda as expressões puramente somáticas. Com dimensões diversas, o inconsciente produz repetições de natureza distintas.

Quando ocorre um trauma precoce, por ausência de linguagem, a repetição se expressa no corpo, em soluções somáticas, autêntico desamparo e despreparo, ou ainda com o predomínio da cisão no ego, que é diferente do recalque, que incide na pulsão, um destino para desalojar da consciência.

Poderíamos pensar em expressões de um inconsciente primário ou primitivo respondendo à exigência sem mediação humana ou ainda em despreparo psíquico.

Campo do traumatismo primário no qual o lugar do semelhante não cumpriu a função. Um exemplo desse desencontro é a solução de descarga no caminho do corpo. São traumas que afetam a primeira estruturação do aparelho psíquico antes que a linguagem verbal possa estar disponível.

As soluções e respostas aos desafios de problemáticas da neurose, do traumático e da não neurose organizaram modelos e alguns paradigmas. Resumindo: o tempo da palavra (linguagem) para a neurose e a perspectiva da sexualidade, campo do inconsciente recalçado, um destino da pulsão; o tempo do trauma com a angústia e a demanda de ligar intensidades com o trabalho psíquico, para encontrar linguagem, questão do excesso de intensidades, ultrapassam a capacidade do ego para elaborar; e o tempo do ato, com a compulsão à repetição e o instinto de morte, um mudo sem linguagem, um desintrincado, campo de repetições do inconsciente que se expressa em atos, com risco destrutivo. Desafios clínicos para articular caminhos com o método, com o dispositivo de construção, muito distinto de interpretação.

O que sou e o que penso que sou não significam o mesmo. É uma articulação de possíveis limites e inibições ou de alcances e ampliações. Calibragem importante para viver plenamente a condição humana, que é singular e múltipla. Repetimos o vivido, aquilo a favor ou contra. E quando dói demais e não sabemos pensar ou estancar pedimos a cura, então não importa como aconteceu a história, mas sim o relato possível da experiência vivida.

Assim, na psicanálise, a proposta consiste em alcançar narrativas dessa original versão para interrogar e pensar o que guardava em si. Um convite a olhar o cenário, os personagens, o contexto que cria textos para criar narrativas. Então, afinal, protagonistas da própria história. Campo do pensamento.

A psicanálise não explica; pergunta, indaga para romper caminhos e encontrar novas formas de alcançar as invenções inconscientes ilógicas plenas de sentido, ou o ressentido, ou constrói com aquilo apenas sentido. Entre a pulsão e a compulsão procura encontros transforma-dores com a palavra e o pensamento.

Primavera de 2019.

Desire, pain and thought. Does thinking transform pain?

Abstract: The field of desire and the figurability and psychic representation paths are constructed in Freud's metapsychology in 1915. The possible figurabilities, with the repressed unconscious forms-of-action, dreams, flawed acts, symptoms and transference, are representability indicators of the drive in the expression of

the psychic dimension. Field of desire in dialectic with interdiction and thought. Solution of the psychic dimension for anguish. An affection as well as pain. Barbarism, violence and tragedy are different from drama. Freud's conceptual construction, from *Beyond the Pleasure Principle*, from 1920, illustrates the theoretical expansions for thinking about destructiveness and traumatic. The field of pain. Freud conceptualizes the death instinct as an intrinsic component to the inorganic origin, of inanimate matter, tends to return to the previous, inorganic state and to absolute rest. Nothing! No life. For Freud, the drive for life and the death instinct have coexisted since birth. Connection, disconnection and intricacy. Dialectical path between desire and pain. Challenges for the thought. Human being, a subject of the unconscious.

Key-words: Act. Death Instinct. Life impulse. Principle of life's guardian pleasure. Psyche. Pulsional intricacy. Repetition. Representation. Sexuality. Word.

Referências

- Green, A. (2005). *La causalidad psíquica: Entre naturaleza y cultura*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1993a). Proyecto de psicología. In *Obras completas* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1993b). La interpretación de los sueños. In *Obras completas* (Vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1993c). Tres ensayos de la teoría sexual. In *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1993d). Introducción del narcisismo. In *Obras completas* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1993e). Más allá del principio de placer. In *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1993f). Psicología de las masas y análisis del yo. In *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1993g). El yo y el ello. In *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1993h). El problema económico del masoquismo. In *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (1993i). 32ª conferencia. Angustia y vida pulsional. In *Obras completas* (Vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Jael Rodrigues

Recebido em: 01/10/2019

Aceito em: 07/10/2019

Silvia Brandão Skowronsky
Rua Tobias da Silva 120/510
90570-120 – Porto Alegre – Brasil
E-mail: skow@terra.com.br